



### INFLUÊNCIA DO DIALETO ITALIANO NA FALA PATO-BRANQUENSE: PRONÚNCIA DO ERRE FORTE

Janete Mariá de Jezuz (UTFPR)<sup>1</sup>  
[mariahdejesus@seed.pr.gov.br](mailto:mariahdejesus@seed.pr.gov.br)

Leticia Lemos Gritti (UTFPR)<sup>2</sup>  
[leticiagritti@yahoo.com.br](mailto:leticiagritti@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Este estudo circunscreve-se na Sociolinguística variacionista e trata da pronúncia do erre, mais especificamente da troca da pronúncia do erre forte (/r/ vibrante) pelo erre fraco (/r/ - tepe) em início de sílabas, em meio a vogais, em palavras como “corredor x coredor”. Essa troca de erre forte pelo fraco em descendentes de italianos é explicada por Frosi e Mioranza (1988, 2004) por meio da fonética da língua italiana, uma vez que nos dialetos do Norte da Itália (de onde veio a maioria dos imigrantes para o sul do Brasil) só existe uma vibrante simples. Para a execução da pesquisa, foi feita a análise de falantes descendentes de pessoas vindas da Itália de três gerações. Foram nove entrevistados, três descendentes de imigrantes italianos de cada uma das três gerações, sendo pai/mãe (terceira geração), filho/filha (quarta geração) e neto/neta (quinta geração). Para tanto, foi instrumentalizado por meio de pesquisa de campo com questionários e relatos. A pesquisa fundamenta-se nas obras de autores como Labov (1972), Bagno (2006), Bochese (2004), Voltolini (2005), Frosi e Mioranza (1988, 2004), Christovam (1987) e em outros. Na pesquisa, foi possível observar que os descendentes de italianos – mesmo os mais jovens – ainda mostram resquícios dialetais do italiano, uma vez que houve as trocas do erre forte (/r/ vibrante) pelo erre fraco (/r/ - tepe) em meio a vogais, corroborando com a hipótese inicial deste estudo. Assim, os resultados mostraram que o dialeto italiano persiste na comunidade local em baixa escala, pois aparece em todas as gerações pesquisadas nas falas dos descendentes de imigrantes italianos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística variacionista; Imigrantes; Italianos; Pato-branquenses,

**ABSTRACT:** This study is limited in the Sociolinguistics variationist and comes to wander out of the pronunciation, specifically the exchange of pronunciation of strong err (/ r / vibrating) by weak err (/ r / - tepe) in the beginning of syllables, amid vowels in words like "hall x coredor". This exchange of strong err by weak Italian descent is explained by Frosi and Mioranza (1988, 2004) through the phonetics of the Italian language, as in the northern dialects of Italy (where did the majority of immigrants to the south of Brazil) there is only one simple vibrant. For the implementation of the research was done descendant speakers analysis of people coming from Italy three generations. There were nine respondents, three descendants of Italian immigrants from each of the three generations, and father / mother (third generation), son / daughter (fourth generation) and grandson / granddaughter (fifth generation). Thus, it was instrumented through field research with questionnaires and reports. The research is based on the works of authors such as Labov (1972) Bagno (2006), Bochese (2004), Voltolini (2005), and Frosi Mioranza (1988, 2004), Christovam (1987) and others. In the survey, it was observed that the descendants of Italians - even the youngest - also show dialectal Italian remains, since there were exchanges of strong

<sup>1</sup> Especialista Letras da UTFPR na linha de Pesquisa Linguagem e Sociedade e da Barão de Mauá na linha de Pesquisa EAD, mestranda em Letras pela UTFPR de Pato Branco. Trabalho fruto de pesquisa realizada no Curso de Especialização em Letras: Linguagem e Sociedade, da UTFPR, câmpus Pato Branco, como requisito para obtenção do título. E-mail: [mariahdejesus@seed.pr.gov.br](mailto:mariahdejesus@seed.pr.gov.br)

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora efetiva da UTFPR. E-mail: [leticiagritti@yahoo.com.br](mailto:leticiagritti@yahoo.com.br)



err (/ r / vibrating) by weak err (/ r / - tepe) in through the vowels, corroborating the initial hypothesis of this study. Thus, the results showed that the Italian dialect persists in the local community on a small scale, it appears in every generation searches for lines of the descendants of Italian immigrants.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics variationist; Immigrants; Italians; Duck-branquenses,

### 1 Introdução

Este trabalho trata da variação linguística presente nas gerações de imigrantes italianos vindos no século XX, para a cidade de Pato Branco, estado do Paraná, uma vez que tal imigração foi importante em muitos aspectos: econômico, social, cultural e, significativamente, linguístico, pois trouxeram com eles um dialeto italiano, que perdura nessa região. Nesse sentido, foram observados falantes de três gerações, sem levar em conta a idade (pois os entrevistados são de idades distintas), mas sim a diferença entre essas gerações e a distância delas com seus descendentes vindos da Itália. Assim, a hipótese inicial era a de que esse dialeto teria resistido ao tempo, a qual poderia ser corroborada (ou não) a partir dos dados de pesquisa.

O aporte teórico fundamenta-se na Sociolinguística Variacionista e busca observar, através de entrevistas, a ocorrência da troca do erre forte (/r/ vibrante) pelo erre fraco (/r/ - tepe) em meio a vogais (objeto de estudo em questão), como nas palavras “carroça” x “caroça”, “carro” x “caro”, “burro” x “buro”, pelos descendentes de imigrantes italianos que moram na cidade de Pato Branco.

Esses imigrantes vieram para a região no início do século XX e trouxeram, com eles, um dialeto que se tornou uma maneira característica de falar e que perdura em seus descendentes, pois tal dialeto foi mesclado com a linguagem local e apresenta peculiaridades como o fenômeno da troca dos erres.

Esta pesquisa parece ser relevante por apresentar uma variante comum entre os moradores da cidade que descendem de italianos, porém não é descrita nas gramáticas tradicionais, pois é uma forma linguística popular de comunicação levando em consideração aspectos do modo de falar dos ítalo-descendentes, mais precisamente a troca dos erres, que é uma das marcas dessa língua que ainda aparece nas falas de adultos, idosos e crianças.

Sobre as variações linguísticas, é importante ressaltar que correspondem às representações que caracterizam uma cultura e um povo, pois delineiam sua própria identidade. Devido a isso, não devem ser deixadas em segundo plano e pesquisas na área da Sociolinguística demonstram que alguns falares do dia a dia, existentes no vocabulário pato-branquense, têm origem nesse dialeto italiano trazido por movimentos migratórios e sobrevivem na linguagem de seus filhos, netos, bisnetos, trinnetos e tetranetos.

Nesse contexto, foram observados alguns aspectos, tais como: estigmatizações da norma padrão da Língua Portuguesa e, ainda, quanto a essa variação linguística, aquelas que foram incorporadas e fundidas com o português popular.

Esta pesquisa, portanto, tem o objetivo de mostrar o aspecto linguístico, anteriormente citado, resultantes desse amálgama que ocorreu com a imigração italiana e os moradores locais, como a troca dos erres, através de entrevistas com nove entrevistados que descendem desses imigrantes e que moram na cidade de Pato Branco-PR.

## **1 Fundamentação Teórica**

Por se enquadrar no âmbito da Sociolinguística Variacionista, conforme Labov (1972), adotam-se nesta pesquisa princípios da Teoria da Variação e Mudança. É preciso ressaltar que a Sociolinguística estuda o relacionamento entre a língua e a sociedade, com enfoque à instituição da língua, analisando a maneira de falar da população de uma determinada comunidade e como essa maneira de falar ocorre.

A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. [...] (MOLLICA, 2004, p. 10).

Os processos de variação e mudança estão também ligados à comunidade de fala que, para LABOV (2008 [1972]), “é um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos que se distinguem de outro(s) grupo(s), partilhando, assim, normas e atitudes relacionadas à linguagem”.

A Sociolinguística, assim, abarca pesquisas científicas que têm por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala, sistematizando-os em unidades e regras variáveis. Para isso, analisa a variação e a mudança a partir de princípios teóricos fundamentais, relevando que a questão linguística serve para uma comunidade heterogênea e, para tanto, o sistema linguístico deve também ser plural para que o falante desempenhe suas funções. Assim, “os processos mudança se verificam nessas comunidades de fala de acordo com a variação observada em cada momento de padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade” (LABOV, 2008, [1972]).

Dentro dessa perspectiva, a variação pôde ser observada nas entrevistas feitas com os nove descendentes de italianos moradores de Pato Branco, os quais são de três gerações diferentes, sendo netos, bisnetos e trinotos dos imigrantes que vieram residir à cidade no século XX. Foram realizadas gravações das entrevistas, em que foram respondidas doze perguntas sobre brincadeiras da infância, sobre o trânsito de hoje e de antigamente, bem como a leitura de palavras, por meio das quais foi possível analisar se há ou não a ocorrência da troca do erre forte (/r/ vibrante) pelo erre fraco (/r/ - tepe) em meio a vogais, em palavras como: “carroça” x “caroça”, “carro” x “caro”, “burro” x “buro”.

Uma explicação para essa variação é que ela ocorra também devido à influência de fatores externos à língua. Um exemplo é a mescla de linguagem que existe na região de Pato Branco, desde a vinda dos imigrantes italianos até a presente data, uma vez que ainda há descendentes que utilizam essa mistura do português brasileiro com o dialeto italiano. Para tanto, observar-se-ão alguns aspectos da imigração italiana para essa região.

### 1.1 Imigração italiana

Os imigrantes italianos vieram ao Brasil em busca de melhores condições de trabalho e qualidade de vida. Assim, primeiramente, instalaram-se nos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, depois no Paraná e, mais especificamente, em Pato Branco, no século XX, onde fixaram residência, trazendo para (ou constituindo em) esta cidade suas famílias.

No início, era muito difícil, pois como falavam uma variante da língua italiana e os moradores locais falavam português, quase não conseguiam se entender.

A língua materna era praticada entre os familiares, sendo até mesmo, uma necessidade de sobrevivência, porque, ao se comunicarem no seu dialeto, resgatavam as suas raízes, encontravam-se na própria história. (BOCCHESI, 2004, p. 50).

Essa variante de língua que trouxeram consigo mesclou-se à linguagem local, por meio das amizades e dos casamentos que aconteciam entre os imigrantes de italianos e os moradores de Pato Branco, herança para seus descendentes, a qual possui características peculiares de sua cultura. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que fundiram elementos típicos de sua língua ao português brasileiro, também geraram certa desconfiança por parte de alguns falantes, sobretudo por aqueles que defendem a norma padrão da língua. Isso ocasionou – e ocasiona até hoje – um preconceito linguístico com relação a certas peculiaridades desse dialeto.

Os primeiros gaúchos descendentes de imigrantes europeus que chegaram ao sudoeste eram chamados pelos caboclos de gringos; porém com o correr do tempo, esse termo acabou se generalizando para o gaúcho descendente de italianos. Conta um migrante gaúcho radicado em Mariópolis: Com os paranaenses (caboclos) não tinha intimidade, era uma gente violenta, uma caboclada do mato (...). Eles nem te visitavam porque a gente chegava na casa deles e nem te recebiam (...). Porque era o gringo, e eles não davam bola pro gringo. (WACHOWICZ, 1987, p. 85)



O termo “gringo” é ainda muito usado na região de Pato Branco, por ser um termo peculiar utilizado para designar imigrantes italianos e os seus descendentes, em especial os que vieram do Rio Grande do Sul para o sudoeste do Paraná.

Esses sujeitos, na tentativa de se adaptar à língua da região que vieram habitar, desenvolveram uma mescla do português local, com o dialeto italiano trazido da Itália, repassando, assim, aos seus descendentes brasileiros. Com isso, criaram uma identidade própria, seguindo essa vertente durante todos esses anos e ensinando a seus descendentes essa maneira de falar.

Luzatto (1994) ao pesquisar a forma de falar dos imigrantes italianos, relata que eles colonizaram o Sul do Brasil e que aproximadamente 95% deles eram provenientes do Vêneto, do Trentino-Alto Ádige, do Friuli-Venezia Giulia, isto é, do Tri-vêneto, e da Lombardia. Desses, mais de 60% tinham a língua e a cultura vênetas, apresentavam sotaques e dialetos distintos, mas a língua-mãe era o vêneto. Quando eles chegaram ao Sul do Brasil, tiveram que ficar em colônias, não sendo respeitada a origem de cada família. Assim, uma família trentina da Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias vênetas ao seu redor. Isso ocasionou na formação de uma língua trentina, pois os falantes do vêneto eram a maioria.

Essa mistura que aconteceu na região também ocorreu nos outros estados do Sul do Brasil e no estado do Espírito Santo, onde a língua italiana mesclou-se à portuguesa de tal forma que ainda é falado o dialeto arcaico que veio do Norte da Itália para o Brasil no século XIX. Nesse momento, os imigrantes, em vista de sua convivência com os brasileiros, criaram a língua vêneto brasileira, o Talian, que é uma das línguas faladas no Brasil, o que reafirma essa mescla do dialeto com palavras, pronúncias e estruturas linguísticas em português. Tal termo é usado para diferenciar o vêneto falado no Brasil do vêneto falado na Itália. O português é uma das línguas oficiais do Brasil, que possui outras e também dialetos paralelos falados em seu território. Dessa forma, são muitos falares do país, que vieram de outros lugares, sendo línguas de imigração,

que revelam que não ocorre monolingüismo por aqui.

Altenhofen e Margotti (2009, p. 1-2) afirmam o seguinte sobre língua de imigração: “[...] as línguas de imigração são comumente vistas como um corpo estranho e diferente, o qual contrasta com a língua oficial [...] algo que, numa perspectiva monolingüística fortemente ideologizada, dela destoa”. Foi o que ocorreu em Pato Branco, no momento da chegada dos primeiros colonizadores, imigrantes de italiano.

Havia somente os de casa para conversar, e os vizinhos quando havia, eram os caboclos que, com linguajar diferente, não se faziam entender, pois tinham uma outra língua, um outro costume. Gringos... só sabiam falar italiano. Aqui todo mundo falava brasileiro e a gente não entendia e nem sabia falar, expressou-se a nona Colla (Maria Marieta Colla). (BOCCHESI, 2004, p. 50).

Depois de todas as dificuldades encontradas para se adaptarem na cidade de Pato Branco e também para conseguirem se comunicar, foi criada a mescla das línguas através do Talian, o que tornou a convivência mais fácil. Assim, essa maneira de falar foi se tornando comum entre os moradores de Pato Branco e persistindo até os dias atuais, como pode ser observada nas falas dos entrevistados, uma vez que mesmo os trinetos, os quais constituem a geração mais distante do imigrante, ainda assim conservam em menor grau resquícios do dialeto através da ocorrência da troca de erres estudada.

Para Boso (2002) *apud* De Marco (2009), esses dialetos resistiram no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, áreas onde teve início a colonização dos primeiros imigrantes italianos, e que hoje são ocupadas pelos seus descendentes, esse dialeto é muito falado também nos estados do Paraná e do Espírito Santo, onde a descendência se faz presente e dá continuidade a essa cultura.

O dialeto em questão ainda vive nas rodas de parentes e amigos que descendem desses imigrantes, os quais formaram famílias e alastraram sua cultura italiana pelo sul do Brasil, em especial na cidade de Pato Branco configurados socialmente e, por consequência, linguisticamente.





## 1.2 Fatores sociais X fatores linguísticos

### 1.2.1 Fatores sociais

Tendo em vista as considerações até esse ponto aventadas, um dos fatores que pode influenciar a língua é a origem de seus falantes, como é o caso dos descendentes de italianos que se instalaram em Pato Branco no século passado, vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Esses falantes, oriundos da Itália, buscavam um recomeço, uma oportunidade de se alçar socialmente, uma melhor condição de vida. Ao verificar essa questão, nesta pequena amostra que o estudo contempla, pôde-se constatar que nesse grupo analisado o objetivo foi alcançado por seus descendentes, nenhum dos entrevistados vive em situação pobre ou miserável.

Os entrevistados da terceira geração (pai/mãe) tiveram o mesmo início, vindos do Rio Grande e de Santa Catarina e instalados em Pato Branco, mas hoje todos têm uma vida estável, com casa própria, carro, com filhos ou netos estudando ou com ensino superior completo, sendo que os das famílias denominadas 1 e 2, são aposentados; e da 3, uma entrevistada é funcionária pública.

As entrevistas mostram que esses descendentes, mesmo os mais novos, no caso os trinotos dos imigrantes italianos, conservam em seu falar características de seus antepassados, como a troca dos erres, uma peculiaridade que foi encontrada no falar de todos, em maior ou menor grau, sendo essa uma das marcas da língua vêneta, falada pelos imigrantes que chegaram à região.

Nesse momento, estão envolvidos tanto os fatores sociais como os linguísticos, uma vez que o fator social preponderante é o social – a convivência com outras pessoas. Ela faz com que haja o aprendizado e compartilhamento de novas formas de falar, também interação com pessoas de culturas e linguagens diferentes, porque é a maneira como o indivíduo aprendeu a falar, de acordo com sua origem, com seu contexto social e familiar.



As variedades, tanto padrão quanto não padrão podem conviver tranquilamente em sociedade, sendo que ambas se fazem entender através da comunicação e da convivência. O que ocorre com a mescla do português popular com o dialeto italiano não é a utilização da norma padrão, mas uma forma que se popularizou, devido aos descendentes de os imigrantes a “cultivarem” e a praticarem até hoje, esses praticantes são herdeiros do dialeto que tem como uma das peculiaridades a troca do erre forte (/r/ vibrante) pelo erre fraco (/r/ - tepe) em meio a vogais (objeto de estudo em questão), como nas palavras “carroça” x “caroça”, “carro” x “caro”, “burro” x “buro”.

Essa troca de erres na pronúncia gerou e ainda gera estigmatização por parte de seus falantes que sofriam e sofrem preconceito até os dias atuais, pois isso é uma marca, uma identidade social e individual e essa marca leva-os a serem “taxados” de “colonos burros” ou “colonos grossos”, termos coloquiais frequentes na região.

Sobre essa questão, pode-se fazer uma relação com GOFFMAN (1988), que trata o estigma e a identidade social e individual em uma perspectiva sociológica. Em sua obra, ressalta que “estigma quer dizer marca, um sinal que o indivíduo carrega e o torna inabilitado para a aceitação social plena”. Dessa forma, esse indivíduo que é portador de estigma distingue-se dos outros pela marca que lhe é peculiar. Tais marcas podem ser no corpo, visíveis aos olhos, sendo percebidas por todas as pessoas por elas marcadas ou não marcadas. Um indivíduo pode ser marcado desde o seu nascimento, ou pode tornar-se marcado durante a sua vida, pelo atrofiamento de seu corpo ou parte dele, pela amputação de um membro ou pela deformidade física de qualquer um de seus órgãos; ou seja, pode ter origem genética ou pode ser provocado por outrem.

No caso dos descendentes de imigrantes italianos, essa marca é a maneira de falar, especialmente sobre a troca dos erres fortes pelos erres fracos, que é uma forma peculiar de tornar esses indivíduos marcados como se fossem inferiores. Esse fenômeno da estigmatização gerou estereótipos linguísticos, que têm um sentido maior que o lado cômico gerado por essa linguagem – quase sempre – aliada à linguagem do colono. Qualquer indivíduo que falasse ou fale dessa maneira, em dialeto italiano ou com a mistura dos dois como é o Talian, era (e ainda é visto) com olhar de repúdio, tratado de

forma insultuosa.

Para Stevenson (1960), “o preconceito e o estigma não significam exatamente o mesmo, pois o preconceito mora na pessoa preconceituosa, já o estigma mora na pessoa que é vítima de preconceito”, o que é ainda pior, a pessoa se sente inferiorizada por isso.

O pensamento preconceituoso é raramente, provavelmente nunca, limitado a um assunto. Aqueles que têm preconceito contra um grupo de pessoas quase sempre têm preconceito contra outros grupos. O preconceito, assim, pode-se dizer que é uma desordem de pensamento: uma pessoa preconceituosa faz julgamentos errôneos ao aplicar a um grupo todo o que aprendeu sobre um ou alguns poucos membros desse grupo. Às vezes, sequer se baseia em suas próprias experiências, mas baseia suas atitudes naquilo que ouviu de outros. Ele então se comporta com relação a todo um grupo como se não houvesse diferenças individuais entre seus membros. (STEVENSON, 1960, p. 304).

Apesar de essa estigmatização, do preconceito e das dificuldades que os descendentes possam ter sofrido, especialmente na área linguística, os imigrantes e seus descendentes ajudaram a colonizar a região sudoeste do Paraná, especialmente Pato Branco quando se deslocaram para essa cidade em busca de uma vida melhor e progrediram juntamente com ela. Em seguida, analisar-se-ão os fatores linguísticos preponderantes para a existência desse dialeto em tal cidade do Paraná.

### **1.2.1 Fatores linguísticos**

A norma culta é aquela que forma um conjunto de padrões linguísticos, cuja intenção é considerar a forma correta de falar e escrever e, em geral, acredita-se ser utilizada por pessoas com um grau mais elevado de escolaridade, pois, para dominá-la, é necessário o estudo da gramática. Dessa forma, é a norma de certo grupo de falantes cultos, como assim denomina Faraco (2008), o que está em consonância com o pressuposto metodológico de Labov (2008, [1972]) – assim como há a norma dos

pescadores, dos moradores da zona rural, dos surfistas, entre outros. No entanto, essa norma culta, segundo estudos sociolinguísticos, não é seguida nem por ser próprio grupo, uma vez que nem eles dominam todo o código prescrito a ser seguido. Já a norma padrão, para Faraco (2008), é mais voltada para a escrita, mas não utiliza todas as prescrições gramaticais previstas na norma culta e não é seguida por certo grupo de pessoas.

De maneira geral, há uma confusão na terminologia das normas. As pessoas leigas no assunto tomam norma padrão por norma culta a todo instante. Mas, de maneira ampla, é quase um consenso entre as pessoas que se precisa falar conforme a norma, mas, naturalmente, nem sempre é isso que ocorre, uma vez que a língua é viva e seus contextos de utilização são muitos.

É diferente, por exemplo, escrever redações em concursos e escrever bilhetes, assim como é diferente falar em entrevistas de emprego, em tribunais e falar em uma roda de amigos, ou entre familiares. Assim, primeiramente é preciso distinguir fala de escrita e norma para escrita em gêneros mais formais, dos informais. Portanto, vê-se que há muitos outros fatores anteriores a serem discutidos, para só, então, falar-se em norma.

Mais especificamente no que diz respeito ao objeto de estudo em questão, a troca da pronúncia do erre forte pela pronúncia do erre fraco não está contemplada pela norma culta, a dos grupos de falantes cultos e, portanto, torna-se, na maioria dos casos estigmatizada pela sociedade em geral.

Para Camara Jr (1970), “em português o /r/ (seja múltiplo, ou velar, ou uvular ou fricativo) é um fonema oposto a /r/ tepe (um único golpe vibratório da ponta da língua junto aos dentes superiores)”, é através dele que se distingue “erra” de “era” ou “carro” de “caro”, ou “corre” de “core”, e assim por diante. Esse é um dos traços mais comuns e marcantes da mescla do português com o italiano, o abrandamento do /r/, independentemente de sua posição na palavra. Provavelmente por esse motivo, a essa ocorrência da troca de erres ainda acontece nos falares dos descendentes.

Frosi e Mioranza (1988, 2004) explicam que essa diferença está nos dialetos



italianos falados pelos imigrantes que vieram ao Brasil no século XX. Nesses dialetos, trazidos do Norte da Itália, só existe uma vibrante simples. Isso faz com que os falantes bilíngues português-italiano – ou mesmo os falantes monolíngues das áreas de contato do português com o italiano – tenham dificuldade em estabelecer a oposição que existe em português, substituindo o /r/ (vibrante ou fricativo) por um /r/ (tepe), como faz o sistema fonético- fonológico italiano.

Essa variável linguística na pronúncia dos erres, na linguagem pato-branquense, pode ser encontrada na fala dos descendentes de imigrantes italianos, que, por meio da fonética, mostram a herança desses antepassados, sendo que a pronúncia perdura nos filhos, netos, bisnetos, trinnetos e tetranetos.

## 2 Metodologia

Este trabalho contou com uma pesquisa de campo com três descendentes de imigrantes italianos de cada uma das três gerações, sendo pai/mãe (terceira geração), filho/filha (quarta geração) e neto/neta (quinta geração), em um total de nove entrevistados. Foram realizadas entrevistas gravadas, em que os entrevistados responderam um questionário de doze perguntas, sendo que duas delas, as que questionavam sobre brincadeiras, foram somente para crianças e duas somente para adultos, cujas questões foram sobre a infância, como é o trânsito hoje e como era antigamente.

Também foi feito um pedido de leitura de algumas palavras, para que se pudesse analisar se há ou não a ocorrência da troca do erre forte (/r/ vibrante) pelo erre fraco (/r/ - tepe) em meio a vogais, em palavras como: “carroça” x “caroça”, “carro” x “caro”, “burro” x “buro”. As outras questões foram de cunho pessoal, como: nome, idade, escolaridade e profissão e também perguntas que estimulavam o entrevistado a falar, para que se pudesse perceber se havia ou não a ocorrência do fenômeno estudado. As perguntas em questão foram sobre a vinda dos seus antepassados da Itália para o Brasil

e também aleatórias, com a finalidade da análise citada.

Os entrevistados são da mesma família, pai (mãe), filho (filha) e neto (neta), para que pudesse haver comparação de suas falas, já que são de gerações distintas. Trata-se de três famílias, todas de Pato Branco, conforme pode ser observado na tabela abaixo. Considera-se que o /r/ representa a ocorrência, e o travessão ( – ), a não-ocorrência.

**Tabela 1:** Caracterização dos informantes e dados

Família	Grupos de Fatores Sociais			Entrevistas	Porcentagem (n° de ocorrências em 6 palavras)	Área de Residência	Ocorrência da troca da pronúncia dos erres nos relatos (histórias)
	Sexo	Idade	Escolaridade				
1	Masculino	70	Fundamental incompleto	Pai	66,60%	Urbana	x
	Feminino	29	Pós- graduação	Filha	50,00%	Urbana	–
	Masculino	8	Fundamental incompleto	Neto	16,60%	Urbana	–
2	Feminino	63	Fundamental incompleto	Mãe	50,00%	Urbana	x
	Feminino	40	Ensino Médio	Filha	66,60%	Urbana	x
	Masculino	16	Ensino Médio ( cursando)	Neto	16,60%	Urbana	x
3	Feminino	53	Pós- graduação	Mãe	100,00%	Rural	x
	Masculino	28	Pós- graduação	Filho	100,00%	Rural	x
	Masculino	14	Ensino Médio	Sobrinho- neto	100,00%	Rural	x

### **3 Análise das Entrevistas**

Foram entrevistadas três famílias de descendentes italianos e nelas os entrevistados mais velhos, contaram que, primeiramente, seus antepassados, quando chegaram ao Brasil, foram morar no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, direcionando-se mais tarde para a região sudoeste do Paraná.

As famílias foram denominadas pelos números 1, 2 e 3. Na família número 1, o pai troca o erre forte (/r/ vibrante) pelo erre fraco (/r/ – tepe) em meio a vogais (objeto de estudo em questão). Das palavras, as quais foram pedidas para que ele lesse, de um total de seis palavras que continham “erre forte”, em quatro ocorreu o fenômeno, em duas não ocorreu, o que contabiliza 66,6% de ocorrência de erre fraco, em que ele falou “carrinho” x “carinho”. Isso também aconteceu quando respondeu às perguntas abertas, como quando ele contou como seus antepassados vieram para o Paraná - de “carroça” x “caroça”. Também ocorreu a troca dos erres quando foi citar o tipo de brincadeira que fazia na infância, em que pronunciou a palavra “carrinho”, como “carinho”.

Na entrevista realizada com a filha da família número um, quando solicitada que fizesse a leitura das palavras do questionário, das seis palavras com erre forte, a filha pronunciou três com a troca do erre forte pelo erre fraco, contabilizando 50% de ocorrências de erre fraco na leitura. E nas histórias que contou apareceram 3 ocorrências de pronúncia do erre fraco. Durante as histórias que ela contou, não ocorreu a troca da pronúncia do erre. Já, com o neto ocorreu o fenômeno da troca em apenas uma das seis palavras que estavam no questionário. Portanto, houve somente 16,6% de ocorrência do fenômeno. Já quando foi responder às perguntas, das quais geraram histórias, não houve ocorrência – lembrando que nas histórias dos dois últimos entrevistados relatados houve a presença de palavras com o erre forte, mas não houve troca de pronúncia.

Assim, com o exemplo dessa família, nota-se que, ao comparar as gerações, as trocas de erres (do forte para o fraco), vão decrescendo. Por exemplo, o pai teve 66,6% de ocorrências dessa troca; a filha, 50%; e o neto, 16,6%, nas leituras das palavras com erre forte. Isso sem falar da ausência do fenômeno quando os representantes das duas

gerações mais afastadas foram relatar histórias, o que parece ser um indício de que, com o passar das gerações, a influência do dialeto italiano parece estar perdendo um pouco de sua força. Talvez, isso ocorra devido ao distanciamento do descendente de seu parente imigrante.

Dessa forma, responde-se a uma das problemáticas deste trabalho; “o dialeto italiano (mais especificamente no que diz respeito ao objeto estudado) ainda está presente nas gerações mais novas?”. Nesse contexto de entrevistas foi observado que sim, porém o fenômeno estudado é visto em todas as gerações, mas em menor grau na quinta geração dos descendentes.

Com relação à escolaridade dos entrevistados da primeira família, o pai tem setenta anos e nível fundamental de ensino incompleto, a filha tem 29 anos e pós-graduação *lato sensu*, e o neto tem 8 anos e está cursando o ensino fundamental. Levando em consideração esse fator, o entrevistado de menor grau de escolarização (o pai – terceira geração) apresentou mais ocorrências do fenômeno, no entanto, a representante da quarta geração, a filha, também apresentou ocorrências (50%). Assim, parece que o fator social ‘escolaridade’ nessa família não influencia muito na questão investigada neste trabalho.

Na família número 2, a mãe também falou trocando o erre forte (/r/ vibrante) pelo erre fraco (/r/ – tepe) em meio a vogais (objeto de estudo em questão). Quando se pediu para ela ler as palavras, houve a ocorrência do fenômeno em três palavras: “barranco” x “baranco”, “errado” x “erado” e “corredor” x “coredor”, totalizando 50% do total de seis. Já a filha teve quatro ocorrências, com essas mesmas palavras e também com a palavra “terra” x “tera”, o que totaliza 66,6%. Por fim, o neto teve uma ocorrência, totalizando 16,6% na palavra “terra” x “tera”. Nas histórias contadas ao responder as perguntas, houve ocorrência em todas as gerações, em maior ou menor grau, apesar de ser possível perceber que a filha trocou mais os erres, a mãe um pouco menos e o neto uma vez.

Nessa família, a ocorrência maior aconteceu com o descendente de quarta geração (no caso, a filha) que teve 66,6%, o que indica que não são apenas os



descendentes com mais idade que trocam os erres. Já com o neto, a ocorrência de trocas de erres fortes pelos fracos foi a mesma da família número 1, o que também demonstra que esse fenômeno está se perdendo com o passar do tempo e com o distanciamento do parentesco do imigrante que trouxe esse dialeto da região. Isso mostra que o fenômeno nesta família cresceu do descendente da terceira geração para a quarta e depois decresceu da quarta para a quinta, diferentemente do que aconteceu com a primeira família analisada. A mãe tem 63 anos e ensino fundamental incompleto, a filha 40, tem ensino médio e o neto 16 anos e está cursando o médio.

Na família número três também ocorreu o fenômeno nas três gerações. A mãe trocou os erres em todas as palavras lidas, totalizando 100%, o filho também, e o sobrinho-neto trocou em três, que totaliza 50% de ocorrência, em palavras como “carroça” x “caroça”, “barranco x baranco” e “terra” x “tera”. Nesse caso, diferentemente das outras famílias, essa entrevistada mora na zona rural, que é onde há uma concentração maior de pessoas que fazem a troca entre os erres (do forte para o fraco). Portanto, talvez, além do fator ‘descendência’, talvez também haja o fator ‘localização geográfica’ e, conseqüentemente, convivência com um grupo de pessoas da zona rural. Ressalta-se, ainda, que nessa família houve um maior número de ocorrência do fenômeno da troca dos erres, em comparação às demais famílias analisadas.

Durante as entrevistas, muitas histórias surgiram entre uma pergunta e outra. Na família número 1, o pai contou que a cultura italiana está tão presente em sua vida, que ele e mais alguns amigos e amigas tem um grupo de música italiana chamado “Circulo amore pela Itália”, onde eles ensaiam na casa de um dos integrantes toda quinta-feira à noite. Enquanto contava a história, a filha mostrou fotos de ensaios e apresentações. Durante a narração, o pai e a filha fizeram naturalmente a troca de erres algumas vezes, como quando ele passou o endereço, na “rua” (e apesar dessa palavra não ser o objeto de estudo, também se notou a ocorrência do fenômeno). A filha falou “fica perto de um “tereno” (terreno) baldio”. O pai mencionou também que seu grupo canta músicas da sua “tera” (terra) natal, de onde veio seu avô e sua avó.

Com relação à ‘escolaridade’, segundo os dados, a mãe tem especialização, o filho também, e o sobrinho-neto está no Ensino Médio, o que também mostra que a escolaridade não influencia nessa troca dos erres, pois das três famílias analisadas, essa é a que tem o maior grau de estudo e maior troca na pronúncia dos erres. A mãe tem 53 anos, o filho 28 e o sobrinho-neto 14 anos.

Assim, esse dialeto persiste na comunidade local e até na quinta geração pode ser identificado nas falas dos descendentes de imigrantes italianos, ocasionalmente nas trocas do erres.

Esse estudo envolveu o fator social, idade dos entrevistados, mas o que se analisou foram as gerações em relação aos imigrantes, uma vez que a faixa etária dos entrevistados nas diferentes famílias é um pouco extensa, sendo que se tem, na quinta geração, entrevistados de 08 a 16 anos; na quarta geração, entrevistados de 28 a 40 anos; e, na terceira, de 53 a 73 anos.

Com relação aos relatos gerados pelas perguntas abertas, não se pôde comparar o número de ocorrências do fenômeno analisado em cada entrevistado, uma vez que uns falavam mais que os outros.

### **Considerações Finais**

Por meio das entrevistas, foi possível mapear o local de onde vieram os descendentes dos italianos analisados neste trabalho. Assim, as famílias são oriundas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e fixaram residência no século XIX, para só depois irem para o Paraná, no século XX.

Na família número 1, a ordem de ocorrência foi decrescente, sendo que o pai trocou mais os erres que a filha, que por sua vez trocou mais que o neto. Na família número dois, a ocorrência foi maior na filha; a mãe teve 50%, enquanto a filha 66,6% e

o neto 16,6%, o que mostra que o fenômeno cresceu em relação à filha e decresceu em relação ao neto. Na família número três a ocorrência apareceu em 100% na fala da mãe e do filho, no que diz respeito às palavras lidas, e em 50% do sobrinho neto, essa família é proveniente do interior, o que mostra que nesse local o fenômeno é maior.

Levando em consideração os estudos de Frosi e Mioranza (1983), essa ocorrência é devido à dificuldade em estabelecer a oposição que existe em português substituindo o /r/ (vibrante ou fricativo) por um /r/ (tepe), pois no Norte da Itália de onde veio a maioria dos imigrantes para o Brasil só existe uma vibrante simples e não duas como existe no Brasil. Sendo assim, os pertencentes à comunidade de fala de descendentes de italiano está propício a ter essa peculiaridade de alternar a pronúncia dos erres, pois o fato vem desse fator social e por esse motivo essa troca dos erres aparece em todos os entrevistados, independentemente de qualquer outro fator. No entanto, a pesquisa mostrou também que está diminuindo, aos poucos, a frequência da existência dessa troca de erres na medida em que as gerações vão se afastando do descendente vindo da Itália.

## Referências

- ALTENHOFEN, Cleo V.; MARGOTTI, Wessling Felício. **O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.
- BAGNO, Marcos, **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz**. 31.ed. São Paulo. Edições Loyola. Loyola, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa: Tradição Gramatical, Mídia & Exclusão Social**. São Paulo. Edições Loyola, 2000.
- BOCCHESI, Neri França Fornari. **Pato Branco: sua história, sua gente**. Pato Branco, Editora: Imprepel, 2004, p.5
- CAMARA, JR., J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- COELHO, I. L., GORSKI, E. M., MAYA, G. H., SOUZA, C.M.N de, **Sociolinguística**, Florianópolis, UFSC, 2010.
- DE MARCO, Elizete Aparecida. **A Trajetória e Presença do Talian e do Dialeto Trentino em Santa Catarina: por uma educação intercultural**. Florianópolis, 2009.



Dissertação (Mestrado)165 p. Disponível em:<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp097590.pdf>>Acesso 10/03/2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p.31.

FROSI, Vitalina; MIORANZA, Ciro. **Dialetos Italianos**. Caxias do Sul/RS:EDUCS, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

JOSÉ DE SÁ, Edmilson. **As condições sociais influem no modo de falar dos indivíduos, gerando certas variações na maneira de empregar uma mesma linguagem**. Disponível em:<<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/16/artigo181019-2.asp>> Acesso em 10/03/2015.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. M. Bagno; M.M.P. Scherre; C.R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LUZZATTO, D. **Talian**: (Véneto Brasileiro) noções de gramática, história e cultura. Porto Alegre: Sagra-DC Luzatto. P. 11-24.,1994.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

STEVENSON, Ian. **People aren't born prejudiced**. In: SMITH, William F.; LIEDLICH, Raymond D. (Orgs.). From thought to theme: a rhetoric and reader for College English. New York: Harcourt, Brace & World, 1965. p. 303- 308. Originalmente publicado em Parents' Magazine, Fevereiro de 1960.

VOLTOLINI, Sitilo. **Retorno. 2**. Pato Branco: Editora Imprepel, 2005.

WACHOWICZ, Ruy Christovam, **Paraná, Sudoeste**: Ocupação e Colonização, Curitiba: Editora Vicentina,1987.



## ANEXOS



Ministério da Educação  
**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA  
FEDERAL DO PARANÁ**  
Campus Pato Branco



Caro entrevistado, primeiramente agradecemos sua participação nesta pesquisa científica de linguagem. Afirmamos que não será divulgado o seu nome na pesquisa. O intuito deste trabalho é coletar dados para projeto de pesquisa: “A influência do dialeto italiano no português falado pelos descendentes ítalo-brasileiros: uma análise sociolinguística da pronúncia do erre forte” com a finalidade de coleta de dados em formato de áudios, para o Programa de Especialização em Letras - Linguagem e Sociedade: Olhares Transversais. Mas, o objetivo não é verificar se a resposta está certa ou errada, por isso, procure utilizar a sua linguagem mais natural possível. Pedimos ainda se haveria possibilidade de gravarmos a entrevista que conta com as perguntas abaixo. Caso sua resposta seja afirmativa, haverá um espaço ao final deste questionário para sua assinatura, porém afirmamos que não divulgaremos os seus dados sem a sua autorização prévia.

Assim, se houver concordância com as questões acima citadas, pedimos que você, entrevistado, leia oralmente as perguntas e responda também na modalidade oral.

### QUESTIONÁRIO:

1 – NOME:

2 – IDADE:

( ) Até 10 anos

( ) De 25 à 49

( ) De 50 à 76 anos

( ) Acima de 77 anos

3 – ESCOLARIDADE



- ( ) Fundamental      ( ) Incompleto      ( ) Completo
- ( ) Ensino Médio      ( ) Incompleto      ( ) Completo
- ( ) Superior      ( ) Completo      ( ) Incompleto
- ( ) Pós      ( ) Mestrado

Profissão:

Leia em voz alta as perguntas abaixo e responda cada uma delas.

1. Qual a geração da sua família que veio da Itália? Há quantos anos?
  2. Se eles eram de outro estado, como eles vieram de lá? Que meio de transporte utilizaram?
  3. Que meio de transporte utilizam hoje?
  4. Para se plantar milho, arroz, ou seja, qualquer cultura, primeiramente é preciso de quê? (Dica: sem esse elemento, não se planta nada).
  4. Você é da cidade de Pato Branco? Se não, veio de onde? Gosta de morar aqui? Quais as diferenças entre a sua cidade de origem e a de Pato Branco?
  5. Qual a torre mais famosa de Paris, na França?
  6. O Brasil sofre de um mal há anos, mas agora está muito mais em evidência, qual é ele?
5. Pergunta somente para as crianças:
- a) O que você mais gosta de fazer?
  - b) Qual a sua brincadeira predileta? Explique como é essa brincadeira.
6. Perguntas somente para os adultos:
- a) O que você mais gostava de fazer na sua infância?
  - b) Como está o trânsito de Pato Branco? Como ele era antigamente? Comente.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU  
ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 20 • Novembro/Fevereiro 2017

Leia, por favor, as palavras abaixo:

CARROÇA – IMPRESSORA – JANELA – ÁRVORE – CHOCOLATE – PROFESSORA –  
NOSTALGIA – COZINHA – BARRANCO – RAINHA – ERRADO – TAPIOCA – GELADO  
– CORREDOR – AMANTE – MAPA - TERRA

---

Entrevistado

---

Entrevistador

Recebido Para Publicação em 28 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 25 de maio de 2017.